

A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA

Laís de Nazaré dos Santos
(Universidade Federal do Tocantins-Brasil)

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0003-8992-6685>

Carmen Lúcia Reis Rodrigues
(Universidade Federal do Pará-Brasil)

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-8386-8272>

RESUMO

O Município de Vigia de Nazaré está localizado no Nordeste Paraense, na microrregião do Salgado. Essa cidade foi fundada no dia 6 de janeiro de 1616, por colonizadores portugueses, onde foi erguido um posto de fiscalização, que motivou o nome Vigia, dado após este período. Antes disso, no local, havia uma aldeia indígena Tupinambá, denominada Uruytá. Apesar da mudança no nome da localidade, as influências da língua e cultura indígena permaneceram. Durante a pesquisa realizada em Vigia de Nazaré, identificou-se um corpus significativo de topônimos de origem tupí, considerando-se o total de topônimos elencados na fase de coleta da pesquisa. Assim, neste trabalho, propõe-se apresentar as motivações da toponímia tupí de Vigia de Nazaré-PA. Os dados foram coletados por meio de pesquisa documental e de campo e as análises se deram a partir dos pressupostos teóricos de Dick (1990a; 1990b), cujos resultados apontaram a predominância de taxes de natureza física (fitotopônimo, litotopônimo, zootopônimo e hidrotopônimo).

PALAVRAS-CHAVE

Vigia de Nazaré; Topônimos; Tupí; Motivação

REVISTA NJINGA & SEPÉ

* Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia, área de letras, pela UFPA; Doutoranda em Linguística e Literatura na Universidade Federal do Tocantins (UFNT); Participa do *Grupo de Estudos da Toponímia do Estado do Pará* (GETEP-UFPA) e também do grupo de pesquisa *Atlas Toponímico do Tocantins* (ATT-UFT); Atua como professora do ensino básico em Marabá-PA.

**Doutora em Linguística pela Universidade Paris VII (França), com formação em Linguística Indígena. Professora da Universidade Federal do Pará, atuando na linha de pesquisa “Língua, tradução e cultura na Amazônia”. É líder do grupo de pesquisa do CNPQ *Grupo de Estudos da Toponímia do Estado do Pará* (GETEP) e membro dos grupos de pesquisa *Observatório Onomástico* (O-onoma) e *Línguas Indígenas Brasileiras* (LINBRAS).

Para citar este Resumo (ABNT): SANTOS, Laís de Nazaré dos; RODRIGUES, Carmen Lúcia Reis Rodrigues. A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 446, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqoLo>

Para citar este Resumo (APA): Santos, Laís de Nazaré dos; Rodrigues, Carmen Lúcia Reis Rodrigues. (ago. 2024). A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 446. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqoLo>

A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA

Msc. Laís de Nazaré dos Santos SANTOS
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

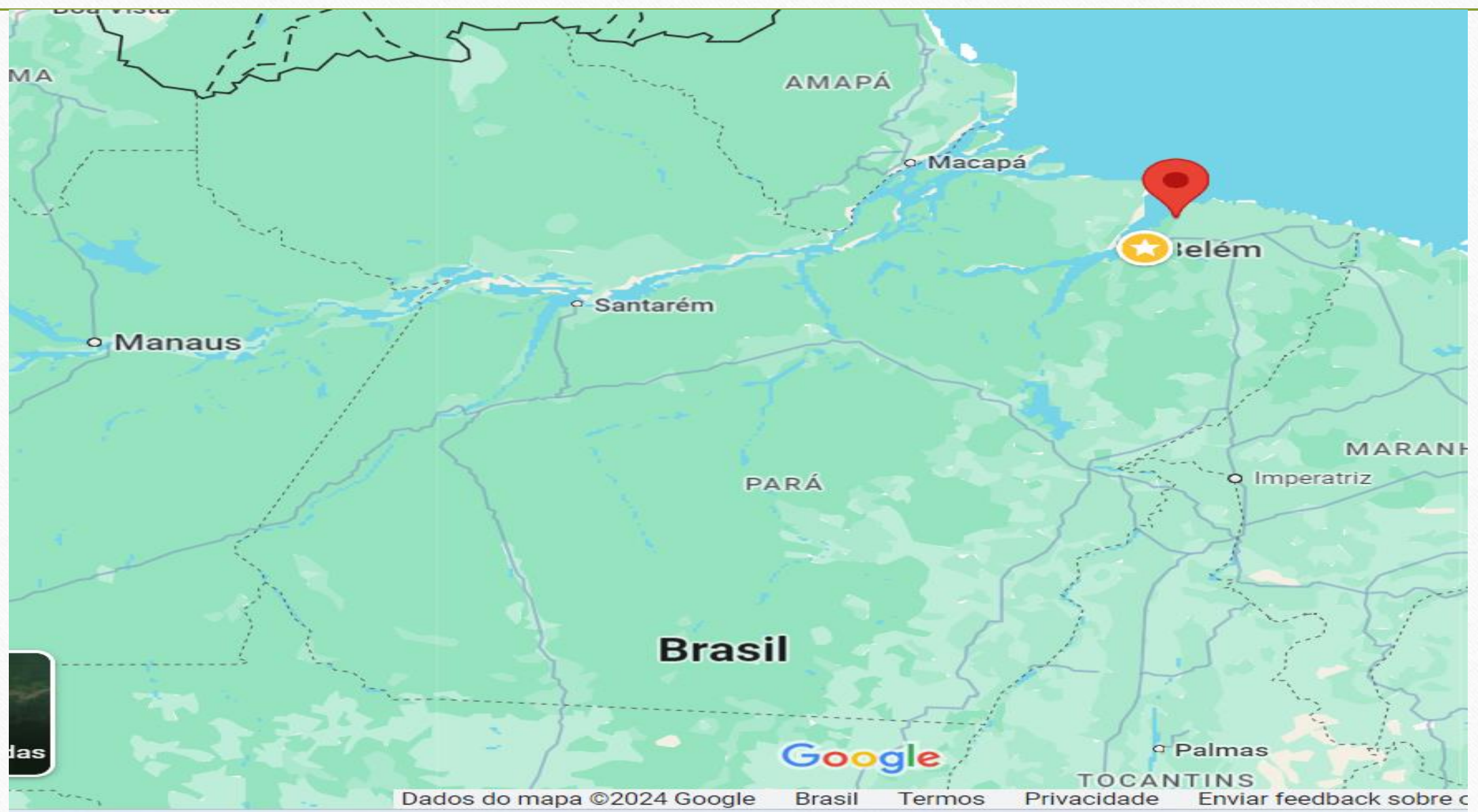
Dra. Carmen Lúcia Reis RODRIGUES
Universidade Federal do Pará (UFPA)

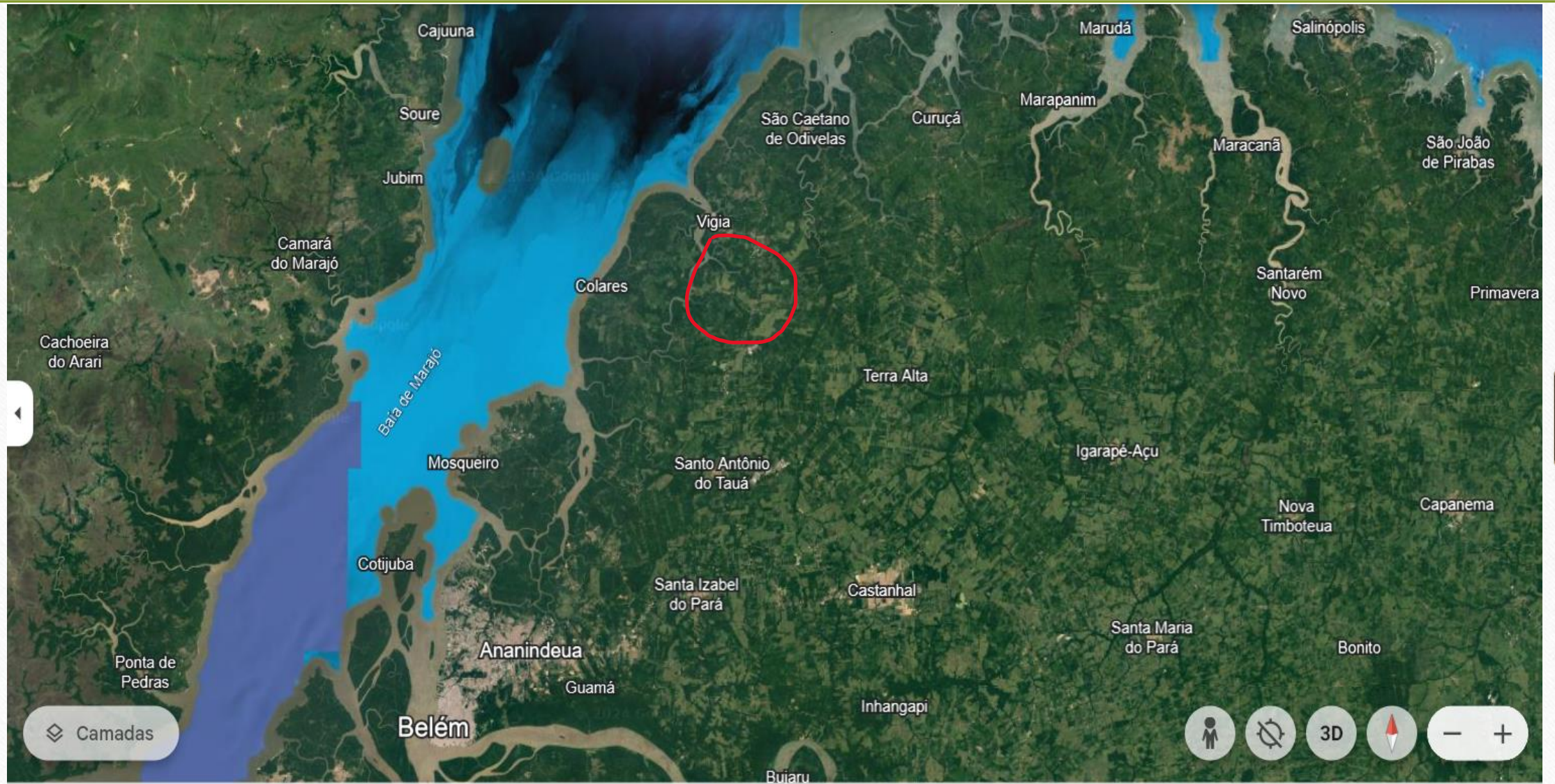
Contextualização

- Recorte de “Um estudo toponímico no município de Vigia de Nazaré-PA”, apresentada por Santos (2019)
- Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará (UFPA),
- Análise de 78 topônimos do local em questão.
- 37 desses designativos são de étimo tupi que nomeiam comunidades (29), rios (09) e apenas um igarapé.

VIGIA DE NAZARÉ-PA

- Mesorregião do Nordeste Paraense;
- Microrregião do Salgado;
- Fundada em 6 de janeiro de 1616, quando embarcações portuguesas ancoraram às margens do rio *Guajará-Mirim*.
- *Urúytá* (aldeia *Tupinambá*);
- Em 1693, Vigia de Nazaré recebeu a denominação de Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré e, em 1698, elevada à categoria de vila, passou a ser chamada de Vigia, por ser erguido na cidade um posto fiscal, cujo objetivo era não só proteger as embarcações que passavam por ali, com destino a Belém, como também fiscalizá-las, prevenindo o contrabando, e desse fato resultou o nome de Vigia (IBGE, 1957, p. 481).





OBJETIVO

- Apresentar as motivações da toponímia tupí de Vigia de Nazaré-PA.

REFERENCIAL TEÓRICO

- Dick (1990a, 1990b), Andrade (2010), Isquierdo (2016), Rodrigues (2015), entre outros.

METODOLOGIA

- Pesquisa documental e de campo.
- Pesquisas com pessoas idosas residentes no local.
- Secretaria de Assistência Social e Igreja Católica.
- Topônimos analisados: 37

RESULTADOS

- Os resultados apontaram a predominância de taxes de natureza física (fitopônimo, litotopônimo, zootopônimo e hidrotopônimo).

TAXES DE NATUREZA FÍSICA

FITOTOPÔNIMO	
1	Acaputeua (AH)
2	Rio Acaputeua (AF)
3	Açaí (AH)
4	Rio Açaí (AF)
5	Açaí Grande (AH)
6	Cumarú (AH)
7	Juçarateua do Pereira (AH)
8	Quaxinguba (AH)

FITOTOPÔNIMO	
9	Candeuba (AH)
10	Guajará (AH)
11	Jenipaúba (AH)
12	Mocajatuba (AH)
13	Rio Guajará-Mirim ~ rio Guajará-Miri (AF)
14	Rio Guarimã (AF)
15	Rio Ubintuba (AF)

LITOTOPÔNIMO

1 Meratauá (AH)

2 Itapari (AH)

3 Rio Itapari (AF)

4 Igarapé Itapepoca (AF)

5 Itaporanga (AH)

6 Rio Itaporanga (AF)

7 Tujal (AH)

8 Tujuí (AH)

9 Rio Tujuú (AF)

ZOOTOPÔNIMO

- | | |
|---|-----------------|
| 1 | Baiacú (AH) |
| 2 | Maracajá (AH) |
| 3 | Rio Mojuim (AF) |
| 4 | Arapijó (AH) |

HIDROTOPÔNIMO

- | | |
|---|-------------------|
| 1 | Rio Tauapará (AF) |
|---|-------------------|

TAXES DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL

TAXE	TOPÔNIMO
	1. Santa Maria do Guarimã (AH)
HAGIOTOPÔNIMO	2. Santo Antônio do Ubintuba (AH)
	3. São Sebastião do Guarimã (AH)
	1. Curuçazinho (AH)
COROTOPÔNIMO	2. Macapá da Barreta (AH)
	3. Macapazinho (AH)

TAXE	TOPÔNIMO
ECOTOPÔNIMO	Piraibacuara (AH)
ETNOTOPÔNIMO	Meraponga (AH)
ERGOTOPÔNIMO	Itapuá (AH)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Conforme abordado, deparou-se com uma significativa ocorrência de nomes de acidentes humanos e físicos que advém do tupi. A abundância e manutenção desses nomes na toponímia brasileira e paraense são decorrentes de diversos fatores, mas principalmente socioambientais e políticos.
- A partir dessas evidências, torna-se clara a relação entre língua e cultura, uma vez que mudanças sociais impactam diretamente na forma de nomear lugares.
- Assim, destaca-se a importância da preservação da toponímia local, uma vez que, enquanto mudanças linguísticas são consideradas, de forma geral, como um mecanismo natural de atualização da língua, algo positivo e comum à diversidade de sistemas linguísticos existentes no mundo, para a toponímia, a mudança de um nome pode simbolizar, no entanto, enorme perda sociocultural, uma vez que os topônimos preservam a memória de um povo.

-
- Aliado a isso, é notável não apenas a presença marcante do tupi na toponímia vigiense, mas também a predominância de nomes que refletem, em geral, o ambiente físico do lugar nomeado, pois a maioria apresenta em sua constituição elementos de índole vegetal, mineral ou animal, totalizando 75%, ou seja, 28 topônimos, dos 37 analisados. Rodrigues (2015) chama atenção para abundância de nomes tupi relativos a espécies vegetais e animais integrados ao português e Dick (1990b, p. 167) ressalta a importância dos elementos constitutivos dos solos ou dos terrenos (areia, barro, lama, pedra, por exemplo) para a história de um povo, o que justifica “a existência de tantos litotopônimos no Brasil”. Contudo, sabendo-se que os designativos de lugares muitas vezes são escolhidos a partir de características próprias do local nomeado, sobretudo os de origem indígena, não é surpreendente que a maioria dos topônimos de procedência tupi possua elementos motivacionais de natureza física, como verifica-se na toponímia de Vigia de Nazaré.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, K. S. Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: Atito. Goiânia: Editora da PUC, 2010.
- BARBOSA, A. L. Pequeno vocabulário tupi-português. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
- BARROS, M. C. D. M. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII). In: FREIRE, J. R. B., ROSA, M. C. (Orgs.). Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003, p. 85-112.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22. BRASIL. Lei nº 5.901, de 21 de outubro de 1943. Dispõe sobre as normas nacionais para a revisão quinquenal da divisão administrativa e judiciária do país. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1943.
- CALDAS, R. B. C.; FERNANDES, J. G. dos S. As pedras do meu lugar: uma incursão nos nomes de lugares com itá na Amazônia Oriental. *Linguística* [versão online]. v. 31, n. 1, p. 25-37, 2015. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2079-312X2015000100003&lng=pt. Acesso em: 12 jun. 2021.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

-
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
 - CUNHA, A. G. Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
 - DICK, M. V. P. A. Motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
 - DICK, M. V. P. A. Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990b.
 - DIETRICH, W. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, V., DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-25.
 - DIETRICH, W.; NOLL, V. O papel tupi na formação do português brasileiro. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 81-103.
 - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Jussara, 2008. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/86611/1/Folder-Polpa-Jucara 2008.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

-
- ISQUERDO, A. N. Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguística e sócio-histórica. In: COLUCCIA, R.; BRINCAT, J. M.; MÖHREN, F. (éd.). Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 5: Lexicologie, phraséologie, lexicographie. Nancy/France: ATILF/SLR, 2016, p. 315-328. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-5.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.
 - LEITE, Y. Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro. Anais do IV Congresso de Letras da UERJ. São Gonçalo: Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:leite-2007-futuro>. Acesso em: 17 nov. 2016.
 - NAVARRO, E. de A. Método Moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. São Paulo: Global, 2005.
 - NAVARRO, E. de A. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.
 - NAVARRO, E. de A. A toponímia indígena artificial no Brasil: uma classificação dos nomes de origem tupi criados nos séculos XIX e XX. Revista Letras Raras. Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 252- 267, jun. 2020.
 - NOLL, V. O Brasil Colônia entre a língua geral e o português. In: NOLL, V, DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p.105-117.

-
- RODRIGUES, A. D. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: NOLL, V., DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 27-47.
 - ROSA, M. C. A. P. A língua mais geral do Brasil nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, J. R. B., ROSA, M. C. (Org.). Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003, p. 133-146.
 - SAMPAIO, T. O tupi na geografia nacional. 5 ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Nacional, 1987. SANTOS, J. P. S. Vigiando a cidade: Um olhar contemporâneo sobre a sociedade e o espaço do Município de Vigia. Vigia de Nazaré-PA, 2009.
 - SANTOS, L. de N. dos S. Um estudo toponímico no município de Vigia de NazaréPA. 2019, 110f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e saberes na Amazônia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2019.
 - SEABRA, M. C. T. C. A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo. 2004, 368f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.
 - SYMPSON, P. L. Gramática da Língua Brasileira (Brasílica, Tupi ou Nheengatu). Organização e estudo introdutório: Roberto Braga. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2001.
 - TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário tupi português: com esboço de gramática de Tupi Antigo. São Paulo: Traço, 1984.
 - TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significação dos nomes geográficos. São Paulo: Traço, 1985.

- MAPAS:

- <https://earth.google.com/web/search/Vigia+de+Nazar%C3%A9+-+PA-412+-+Vigia,+PA/@-1.02668098,-48.31336604,60.87302858a,193450.66045521d,35y,0h,0t,0r/data=CiwiJgokCRjQ3x3XizJAERfQ3x3XizLAGbizaORI4kBAISEEbPv2T1DAQgIIAToDCgEw>
- <https://www.google.com/maps/place/Vigia,+PA,+68780-000/@-3.669342,-57.3895879,5.63z/data=!4m6!3m5!1s0x92a6811526e09e87:0xde5292d02de405c5!8m2!3d-0.8564336!4d-48.1398999!16s%2Fg%2F11bxfw8nql?entry=ttu>

A photograph of a sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, partially obscured by dark silhouettes of trees and a boat. The sky is filled with soft, golden light and scattered clouds. In the foreground, the silhouettes of people on a boat are visible, looking out at the water. The entire scene is framed by a white border.

OBRIGADA!